POEMAS

DE

GUILHERME DE FARIA

MCMXXII

ao senhor
Fernando Pessoa,

homenagem
de
Guilherme de Faria.

POEMAS

POEMAS

DE

GUILHERME LEITE DE FARIA

MCMXXII

886

INSCRIPÇÕES

Lugubre outomno, no mez de Abril!

ANTÓNIO NOBRE.

Na minha alma precoce e complicada
Que ainda hoje não posso comprehender,
Passeia, dolorosa e magoada,
A sombra triste do meu próprio ser.

GUILHERME LEITE DE FARIA.

E' sempre noite no meu ser... A luz
Jamais, dentro de mim, alvoreceu!
E, como Christo, eu tenho a minha cruz,
E só a Dôr, em mim, amanheceu!

Meu coração, tambem como Jesus,
Num calvario de duvidas — morreu!
Sem alma, sem amor, sem crença e luz,
Tudo, dentro de mim, anoiteceu...

Só minha alma precoce e incomprehendida,
Olha, a chorar, gelada de pavor,
A singular tragedia desta vida!

A ninguêm, neste mundo, tenho amôr!
E, ante a Morte sinistra e dolorida,
Aperto ao peito a cruz da minha Dôr!

SONETO

E a tarde cae
Em lagrymas de alêm e de tristeza...
E, no Mar, o Sol vae
Expirando com pompa e com grandeza...

Hora triste e magoada como um ai!
Hora saudosa, eterna e portugueza!
(Avé-Maria... Avé-Maria...) E cae
Mais profunda e nostalgica, a tristeza.

Choram, dentro de mim, versos de Anthero.
Emoção, Genio, Dôr e Desespero,
Tudo ajoelha, solemne, pra rezar.

Impassivel, o Sol vae esmorecer...
— Quem me dera, meu Deus, tambem morrer,
Para, amanhan, no azul — ressuscitar!

CREPUSCULAR

Hora triste, incolor,
Anemica, saudosa... (Nevoa, espuma...
Longes de lenda e bruma...)
Hora da côr da minha propria côr!

(E os meus olhos ajoelham, anciosos, extaticos,
Ante os longes aquaticos.)

O Sol lá vae... Queima,
Impassível, as ondas do Mar,
E teíma
Em queimar
Anciosamente, nervosamente
Os meus nervos de Poeta e decadente!

O Sol parece um grito
Desvairado, aflicto!

E o Mar
É oiro, sangue, espuma,
A arder, a cantar, a rezar...

E tudo reza...
— Os teus olhos de amor, Amor!, 'stão a rezar
E a chorar doçura e tristeza...

(Tudo tam triste!)
— Esta hora tam triste
É minha irman...
Hora da côr da minha propria côr,
Sagrada, macerada,
Tristissima, christan!

E tudo chora...
A Hora chora ternura,
Choram trindades, alêm...
E os meus olhos sem còr
Estão a rezar
E a chorar,
Tambem...

SONETO AO MAR

Oh Mar! — sou teu irmão! Tumultuoso
Assim como tu és, vasto, sem fim,
E como tu solemne e doloroso,
Eu sinto um Mar rolar dentro de mim!

Nelle, ondas correm sem cessar, assim
Como em ti, velho Mar tempestuoso!
E é como tu soberbo e desdenhoso,
O Mar que sinto uivar dentro de mim!

Tambem irrompe, às vezes, temporal,
Dentro de mim, inquieto e desigual...
E o Sonho e a Esp'rança — tudo cae no Mar...

E eu rezo e choro: «Oh Mar! a tua agoa
É gemea e qu'rida irman da minha magoa!
Vive, como ella, eterna, a soluçar!»

A CARTA DO MAR

Manuel, vou-te escrever...

— O Sol lá vae no Mar quasí a morrer,
E aqui, junto do Mar,
Vivo a morrer, tambem...
Tenho os meus olhos roxos de chorar,
Sou uma sombra saudosa de ninguem...

Sozinho e triste, aqui sentado sobre a areia,
Sinto que o Pensamento, inquieto, se incendeia.

(E' chamma, o Pensamento!) E ao ver o Mar rugir
E gritar, e ulular, e soluçar sem fim,
A rir a soluçar e a soluçar a rir
Eu sinto mais o Mar rolar dentro de mim!

E sofro, e rezo, e rio! E' grande o meu tormento!
E' — vê lá, Manuel! — maior que o meu talento!
E eu sinto o Mar, o Mar! Profundo e magestoso,
Ele vive em meu peito, desigual,
Formidavel, solemne e doloroso!
E eu choro ao ver o Mar... Que o Mar é um vitral
Da minha Dôr eterna, heraldica, sombria!
— Não sabes, Manuel? — o Mar é meu irmão!

E sinto-me febril! Meu Deus, o desespero
Attinge o ceu! E, aflicto e desvairado, quero
Cantar, rezar, subir, viver! A minha Ancia
E' indomavel, feroz, dorida, insuportavel

Mas, ao ver o Sol entrar na hora da agonia,
Chove doçura... E vai a esmorecer o dia,
Agora! — Hora triste e seréna!
Hora suave, outomnal e vesperal e amena!
— Ancia, Dôr, Desespero,
Tudo expira, a sorrir...—Só na minha alma cae
A tristeza mais triste do que um ai,
Tristeza que é doçura e suavidade...

E eu fico-me a rezar
Numa voz dolorosa, assim como a do Mar,
Um nome de saudade e de tristeza...
— Amor! Amor! Amor! Maria Thereza!

E, com unção piedosa e humildade,
Recordo o meu Amor...
Amor que, antes de o ser, se fez saudade,
Amor que é emoção dolorida e inquieta,
Que é luz e ceu, ingenuo e divino,
Onde chora a descrença de Poeta,
E onde canta a inocencia de menino!

— Recordo-me de mais...

Vejo-a
Em sonhos, a sorrir melancholicamente,
E beijo-a
Docemente...

(Somnambulo que sou!)

Ama-la-hei?!

— Nem sei!

E o dia, tristemente, já expirou...

No alem,
Formosa e nua,
A lua
Já vem
A despontar...
(Que lindo, este luar!)

E eu tenho os olhos mais roxos de chorar...
Elevo, em prece lithurgica, meus braços para os céus,
Rezo, com mais amor, ao meu Amor, e a soluçar
Vou terminar, Manuel... Adeus, adeus, adeus...

SONETO

Ainda no bizarro mez de Abril,
E já o outomno aqui, no coração!
— Falta-me a crença vívida e gentil
Que é irman da Alegría e da Illusão! —

E emquanto tudo rí, primaveril
Aos outros como eu — doce illusão! —
A vida é para mim — inda em Abril! —
Só nocturna e soturna escuridão!

Falta-me a luz, a luz resplandecente,
Que a todos dá a fé viva e ardente,
Que a todos dá a graça de viver!

Ha só sombras em mim... E, abandonado,
Vou passando na vida, desgraçado,
Sem jamais me poder comprehender!

XIII-IV-MCMXXI.

POEMA

E a noite ahi vem sinistra e macerada...
(Noite de hynverno e Dôr!)
Sinto a noite sinistra, e macerada,
Sou noite de morte e de horror!

Amor! no teu olhar claro e tam doce
Amanheceu,
[redacted], um sofrimento precoce,
— Irmão gemeo do meu...

(Tam triste!
Tam triste!
Tam triste!)

E o vento, úlule, geme...
E, na treva de horror e desespero,
Ha mortos a gritar!

— Oh meu divino Anthero!
O teu olhar de luz, tristissimo e severo,
É chamma, é luz e Amor!

Enlivecido de sofrer, roxo de espanto,
Eu oiço bem,
Tambem,
(Meu pallido Anto!)
A tua voz de alem
A chorar,
A chorar,
A chorar...

(E a treva
Exalta, deifica! Eleva
A minha alma até Deus!
— E eu sinto Deus!)

E o vento, úlule, geme...
E a chuva
Tem gritos de viuva:
Chora, rouca
E torturada, louca...

Mas sinto em mim
Arder,
Cantar
Um orgulho sem fim!

(Hieratico e divino amanhecer!)

E o Mar
Anda a resar
Os meus versos de luz que ainda estão por escrever...

SONETO DA MINHA ANCIA

Subir! Subir! Subir! — Eis o ideal
Unico desta vida de imperfeito!
Quero subir, meu Deus! Tenho o direito
De subir! Que, em minha alma de Immortal,

Sinto, às vezes, doirada e triumphal,
Uma luz singular! E sou perfeito
Embora sinta o Mar dentro do peito!
Sou divino, supremo e desigual!

Então ulula o vento da loucura...
E a voz eterna e clara da Aventura
Chama por mim, gritando, sem cessar...

Subir! Subir! Subir! Hei-de subir!
Que, em minha alma, Senhor!, 'stou já a sentir
Uma sombra de genio a perpassar!

LAVS- DEO

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO NA IMPRENSA
DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA,
NA RUA DO DIARIO DE NOTICIAS,
57 A 61, AOS 28 DE ABRIL
DE 1922